



PINTURAS ENCONTRADAS, POR UMA PINTURA QUE NÃO PRECISA SER PINTADA

FOUND PAINTINGS, IN FAVOR OF PAINTINGS THAT DO NOT NEED TO BE PAINTED

Natalie Supeleto¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo a defesa teórica do meu processo criativo de apropriação fotográfica do que chamo de "pinturas encontradas" ou "pinturas do tempo". Estas imagens se encontram no interstício conceitual entre a fotografia, a pintura, a apropriação, o ready-made e o site specific. Utilizo-me da fotografia na busca pela potência poética de uma pintura que não foi pensada como pintura, e nem para ser arte, resultado aleatório da combinação da interferência humana e da ação dos tempos cronológico e meteorológico. Trata-se principalmente de uma operação conceitual de viés Duchampiano, visto que o que mais me importa no processo não é estética dos quadros fotográficos/pictóricos, mas o empreendimento de apropriação e deslocamento de algo que não pertencia ao campo da arte para o campo da arte.

PALAVRAS-CHAVE

Pinturas Encontradas; Marcel Duchamp; Expressionismo Abstrato; Fotografia; Apropriação.

ABSTRACT

This article aims at the theoretical defense of my creative process of photographic appropriation, something I like to call "found paintings" or "paintings of time". These images are in the conceptual interstice between photography, painting, appropriation, ready-made and site specific. I use photography in the search for the poetic power of a painting that was not thought of as painting, nor to be art, a random result of the combination of human interference and the action of chronological and meteorological times. This is mainly a conceptual operation of Duchampian bias, since what matters most to me in the process is not aesthetics of photographic/pictorial frames, but the undertaking of appropriation and displacement of something that did not belong in the field of art to the field of art.

KEYWORDS

Paintings Found; Marcel Duchamp; Abstract Expressionism; Photography; Appropriation.

PINTURAS ENCONTRADAS, O PRIMEIRO ENCONTRO

Em agosto de 2018, eu estava em Salvador, BA, mais precisamente no Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia (MAS-UFBA). Enquanto, eu fazia algumas fotos para outra

¹ Natalie Supeleto é doutoranda em História, PPGHIS-UFES; pesquisa: Políticas públicas para a cultura. Mestra em Artes, PPGA-UFES; pesquisei: Relações de poder no mercado de arte. Graduada em Artes Plásticas-UFES. Na minha poética pesquisa: os interstícios entre a fotografia, a pintura, a apropriação, o Ready-made e o site specific. Contatos: @natsupeleto; natalie.supeleto@gmail.com.



pesquisa artística na qual lido com as imagens dos contrastes arquitetônicos entre o moderno e o antigo nas cidades brasileiras, me deparei com uma janela de madeira que tinha a pintura toda descascada pelos anos de exposição ao sol e a chuva, aqueles detalhes me chamaram a atenção, a ponto de quase me hipnotizar.

Ali vi a reprodução de tudo o que me interessava ao estudar a pintura, as veladuras, as sobreposições, os contrastes, a composição, o gestual etc. Comecei a fotografar e a me apropriar daquelas imagens pictóricas, e quanto mais eu observava os quadros fotográficos compostos por mim, mais eu percebia que não se tratava simplesmente de fotografia, mas da apropriação de uma pintura feita pela combinação aleatória da ação do homem com a ação dos tempos meteorológico e cronológico.

Nos dias seguintes, percebi que quanto mais eu olhava os prédios do sítio histórico com atenção, mais pinturas como aquelas eu encontrava. Elas variavam em formas, cores e texturas. Contudo, ainda tinham o mesmo tipo de aparência: se assemelhavam ao *Abstracionismo*, mas precisamente, ao *Expressionismo Abstrato*. Não que alguma das imagens se pareça com a obra de algum artista específico, mas se assemelham ao estilo que conhecemos como *Expressionismo Abstrato*.



Figura 1 - Pintura Encontrada, Sem Título definido, Série Espírito Santo, Fotografia digital. Tiragem ainda não definida. Arquivo em poder da artista. Ano: 2018.

E apesar de as *Pinturas Encontradas* se parecerem visualmente com o *Expressionismo Abstrato*, as suas semelhanças terminam aí. Pois, não carregam a carga subjetiva daquele



movimento e muito menos se assemelham ao momento político ou as motivações sociais que oportunizaram a existência daquele tipo de arte.

O resultado estético foi algo aleatório, e talvez, eu só o tenha enxergado e capturado por consequência de tanta exposição às imagens do *Expressionismo Abstrato* nas aulas de história da arte. E também, a convenção existente no campo da arte, de que esse estilo de pintura representa a “boa pintura” produzida na atualidade.

As *Pinturas Encontradas* que nomeei como tal e as capturei por meio da fotografia já estavam ali, a sua potência poética também já estava ali. Entretanto, para o olhar efêmero, tudo aquilo se tratava apenas de sujeira e má conservação, superfícies que urgem para serem tratadas, higienizadas e renovadas. Precisavam ser capturadas, apropriadas e deslocadas para o campo da arte, para a realização da *existência social* da sua potência.

Porém, essa potência não se realiza no seu lócus de origem, mas apenas nos lugares da arte. Por conseguinte, essas pinturas só abandonam a condição de feridas na paisagem urbana e passam a existir como arte por meio da sua captura fotográfica, da efemeridade do click, afinal, a próxima chuva, ato de vandalismo ou até mesmo a tão sonhada conservação do imóvel as alterará ou as removerá por completo.

Após fazer mais uma centena de imagens, separá-las e agrupá-las por critérios visuais, comecei a pensar mais profundamente sobre o exercício conceitual embutido ali. Do que realmente se tratava o meu processo criativo naquele trabalho, como classificar e conceituar. No meio acadêmico, somos constantemente questionados e cobrados sobre os conceitos embutidos nos nossos trabalhos de arte.



Figura 2 - Pintura Encontrada, Sem Título definido, Série Vermelho e verde, Fotografia digital. Tiragem ainda não definida. Arquivo em poder da artista. Ano: 2018.

Embora, para mim tudo fosse poeticamente muito claro, e eu estivesse muito satisfeita tanto com o processo quanto com o resultado. É preciso atender as cobranças por explicações e justificativas teóricas sempre presentes no campo da arte na atualidade, para que no sentido Bourdieuziano, se faça a *existência social* desse trabalho.

Para Pierre Bourdieu, a *existência social* de algo/alguém não se trata apenas do existir físico/material ou conceitual. Mas, do reconhecimento social da sua existência por parte dos indivíduos pertencentes ao campo ao qual o objeto, conceito ou indivíduo em questão pertence. (BOURDIEU, 2002, p. 171) (BOURDIEU, 2002, p. 22-25).

Diante disso, comecei a buscar nos teóricos da arte contemporânea o *lugar social* dessas imagens no campo da arte, o *locus* de uma pintura que não foi pintada nem por mim e nem por ninguém. Uma pintura que não existia como arte e nem sequer, simplesmente como pintura, mas que eu a entendi como tal.

Transformei-a em quadro pictórico/fotográfico por meio da sua captura fotográfica e a desloquei para o campo da arte. Todavia, não se trata de uma busca por categorização, e sim, por um arcabouço teórico a fim de aprofundar a pesquisa artística já iniciada.

NÃO FIZ, ACHEI. DESLOQUEI E NOMEEI COMO ARTE



O que me interessa mais profundamente nesse processo criativo não é a beleza que as imagens que seleciono carregam. Embora, eu não busque intencionalmente essa beleza, acredito que eu já esteja tão profundamente alinhada com o que o consenso considera o gosto refinado, que mesmo inconscientemente, eu escolho imagens que refletem esse gosto. O que é explicado por Pierre Bourdieu, e usei na minha dissertação de mestrado.

Entendemos o gosto no sentido bourdieuziano, isto é, “[...] enquanto faculdade de julgar valores estéticos de maneira imediata e intuitiva. [...]” (BOURDIEU, 2008, p. 95) e esta tem todo o seu fundamento no ambiente social do indivíduo, pois para Bourdieu, o gosto é formado pelo conjunto de informações estéticas e comportamentais recebidas pelo sujeito durante toda a sua vida (SUPELETO, 2016, p.31).

Desse modo, justifico a escolha visual das *Pinturas Encontradas* na formação do gosto que eu recebi. Isso de acordo com Bourdieu, faz parte da construção da capacidade de julgar valores estéticos do indivíduo. Assim, apesar de eu pretender que a estética das imagens em questão seja irrelevante, isso é impossível, pois estão em total consonância com a formação do meu gosto pessoal.

O tipo de informações de arte, museus e aulas de história da arte que tive durante a minha vida desempenhou a função balizadora do meu gosto e das minhas preferências culturais. Pois, os profissionais que selecionaram os objetos e as narrativas as quais eu tive acesso, condicionam e direcionam as escolhas e os gostos culturais da sua audiência, exercem de fato uma atividade de formação do gosto. (CANCLINI, 2007, p. 177) (ARGAN, 2010, p. 444, 45)

Conseqüentemente, a aparência estética do meu processo criativo pertence ao meu gosto pessoal e este não foi construído do nada. Pelo contrário, ele faz parte da síntese de todas as informações sobre arte e cultura que eu recebi durante a minha vida. E é o resultado da combinação aleatória das informações que outras pessoas escolheram pra que chegassem a mim.

Após a justificativa de que é impossível separar a estética das imagens, agora, posso me concentrar na parte mais importante do trabalho que é: a apropriação, o deslocamento e a denominação como arte de algo que já existe fora do campo da arte e não foi produzido para ser arte.



Figura 3 - Pintura Encontrada, Sem Título definido, Série Rush, Fotografia digital. Tiragem ainda não definida. Arquivo em poder da artista. Ano: 2018

O GESTUAL, SEM EXECUTAR O GESTO.

A pintura é um procedimento técnico que tem a artesanaria, o fazer artístico e o gestual como algumas de suas características principais. Esse percurso de problematização pretende demonstrar que: o ponto principal do meu processo criativo em relação às *Pinturas Encontradas* está no fato de que é possível ter pintura sem a necessidade de pintar ou de elaborar mentalmente a pintura.

Podemos ver na fala de Allan Kaprow sobre a pintura de Jackson Pollock, a importância do gestual, e não apenas de fazer o gesto, mas importância de saber distinguir entre o bom e mau gesto. Que, a propósito, se distinguem em função dos cânones do bom gosto vigentes no consenso do campo da arte.

Assim, Kaprow enfatiza que mesmo na abstração, e principalmente na abstração, existe a necessidade de se pensar a pintura e o gestual para obter “bons resultados”, ou seja, uma boa pintura.

Por exemplo, o ato de pintar. Nos últimos 75 anos o movimento fortuito da mão sobre a tela ou o papel se tornou cada vez mais importante. As pinceladas, as manchas, as linhas, os borrões se tornaram cada vez menos ligados a objetos representados e passaram a existir cada vez mais por conta própria, de maneira autossuficiente (KAPROW, 2009, p. 39).



Ao contrário do que enfatiza Kaprow, nas *Pinturas Encontradas* o que importa não é o gestual. Pois, apesar de termos os mesmos elementos de uma pintura pintada ortodoxamente, isto é, na sua aparência essa pintura carrega o gestual, e parece seguir todo o rito de sobreposição de camadas de tintas, e os intervalos entre elas, apenas parece.

Na verdade, esse gestual aparente se trata de algo falso, um simulacro, já que não existiu uma mão humana em especial que executou e compôs aquelas marcas, muito pelo contrário, são marcas que combinam aleatoriamente a ação humana e ação dos tempos cronológico e meteorológico, ambos desprovidos da intenção de produzir arte.

Esta intenção ocorre no momento em que eu fotografo e me aproprio dessas pinturas. Neste ponto do processo realmente existe a intenção de produzir arte, não do fazer artístico, mas da apropriação e do deslocamento. O momento da escolha das manchas que vão formar os quadros, não encaro como um momento de criação, e sim como um momento de seleção do que vou me apropriar para deslocar.



Figura 4 - Pintura Encontrada, Sem Título definido, Série Blue Lake, Fotografia digital. Tiragem ainda não definida. Arquivo em poder da artista. Ano: 2018.

A DESCOBERTA DE DUCHAMP

Justifico a pertença das *Pinturas Encontradas* ao campo da arte e mais precisamente ao da arte contemporânea no Ready-made de Marcel Duchamp. Que como defende Danto, não é nenhuma característica visual que pode definir a diferença entre o que é arte ou não.



Apesar de as *Pinturas Encontradas* se parecerem com o estilo do Expressionismo Abstrato, o que importa aqui é o deslocamento de algo que não era arte para o campo da arte.

[A] Descoberta de Duchamp de que nada que o olho possa revelar arbitrará a diferença entre uma obra de arte e uma mera coisa real que a ela se assemelha em todos os particulares externos [...] [desta forma] Duchamp relegou ao esquecimento todas as teorias do passado ao provar que o problema era filosófico. E aqui está Aristóteles nos dizendo que a diferença entre poesia e história não está na superfície dos textos, e que distingui-los não é uma questão de classificação ordinária, mas uma questão filosófica de explicação (DANTO, 2014, p. 189).

Diante da fala de Arthur Danto, fica claro que após Duchamp o que define se algo é ou não arte é a justificativa conceitual do trabalho, ou seja, o que ele recorre a Aristóteles para dizer que se trata de uma questão filosófica de explicação.

A Fonte de Duchamp é, como todo mundo sabe, em toda a aparência externa, um mictório- ela era um mictório até que se tornou uma obra de arte e adquiriu essas propriedades adicionais que as obras de arte possuem em excesso em relação àquelas possuídas por meras coisas reais como mictórios [...] (DANTO, 2014, p. 47).

No ponto acima, Danto nos convoca a discutir um tema importante na arte contemporânea: a capacidade do artista de embutir “aura benjaminiana” em objetos comuns. Ao contrário do que Benjamin acreditava: que a reprodutibilidade técnica e a produção em massa destruiriam essa aura.

A aura da obra de arte no sentido Benjaminiano se fundamenta na função mística que a arte exercia antes ser reconhecida como um objeto de consumo, seja este, privado ou de massas. (BENJAMIN, 2012, p. 31-39 passim) Contudo, mesmo após a emergência de um mercado promocional e a massificação do seu consumo simbólico a arte não perdeu as suas qualidades sensíveis.

E Duchamp comprovou por meio do Ready-made que a operação de embutir aura em qualquer objeto se deve mais a questões filosóficas intrínsecas ao campo da arte, como frisa Danto, do que a quaisquer características físicas das obras de arte como imaginava Benjamin. O que, por sua vez, tem total relação com o conceito fundamental das *Pinturas Encontradas*.



Como dito anteriormente, as *Pinturas Encontradas* eram meras partes estragadas em edificações antigas, que por meio da captura fotográfica e de um percurso de conceituação, lhes conferi o estatuto de obra arte. E não apenas lhes foi conferido tal estatuto, mas as mesmas deixaram fazer parte das abjeções da paisagem urbana como passaram até a ser consideradas esteticamente belas.



Figura 5 - Pintura Encontrada, Sem Título definido, Série Contraste, Fotografia digital. Tiragem ainda não definida. Arquivo em poder da artista. Ano: 2018.

A estética por sua vez, era um problema para Duchamp e como afirma Danto continua a ser para a arte. Desse modo, compreendo a importância de se questionar como tornar de fato a estética dessas obras irrelevante.

Embora, no primeiro momento fora a aparência das *Pinturas Encontradas* o que me chamou a atenção, após o entendimento do que se tratava de uma apropriação, instituiu-se um problema: apesar de aparência de pintura ser parte importante do trabalho, se, não se parecesse com uma pintura não faria nenhum sentido todo percurso de conceituação artística.

Porque, é na sua aparência que reside toda a sua essência de simulacro, entretanto, a sua beleza estética não deveria ser importante.

Na verdade, deveria ser irrelevante, pois, não é uma questão da arte ser feia para negar a beleza estética. “[...] O enfeiamento é uma instancia excessivamente negativa e, no fim,



inútil, já que ser feio permanece um modo de ser um objeto estético e, portanto, fica aquém do liame [com a beleza] ao invés de superá-lo. [...]” (DANTO, 2014, p. 46-7).

Desse modo, considero que a aparência e a estética deveriam ser instâncias diversas, afinal, é importante o aspecto de pintura das *Pinturas Encontradas*, mas se são bonitas ou feias deveria ser irrelevante. Embora, elas pertençam ao meu gosto pessoal e eu não veja como separar o meu gosto da minha subjetividade.

Pois, “[...] a arte é o resultado de uma pesquisa autônoma independente, isto é, a expressão pura da criatividade, da personalidade e das cosmologias do artista.” (ARGAN, 2010, p. 443) Diante disso, posso concluir, que tudo o que despertou o meu interesse nas *Pinturas Encontradas* faz parte do conjunto de informações que recebi durante a minha vida, e é assim que se apresenta a arte que produzo a partir das minhas cosmologias.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **A arte moderna na Europa**: de Hogarth a Picasso. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.

DANTO, Arthur C. **O descredenciamento filosófico da arte**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

KAPROW, Allan. **O Legado de Jackson Pollock**. In FERREIRA, G.; COTRIM, C. (Org.). *Escritos de Artistas: anos 60/70*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 37-45.

SUPELETO, Natalie. **Mercado de artes plásticas (sécs. XIX–XX)**: relações de poder no trânsito produção/mediação/consumo - Dissertação (Mestrado em Artes) -Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes. 2016.